

ADEUS AVIDA

de José Rubens Siqueira

Esta peça foi escrita para três atores:

uma atriz para Renata

outra atriz para todas as demais personagens femininas

um ator para os personagens masculinos

A ação se passa em meados dos anos 1980

Uma grande sala de extremo bom gosto: o chão de ladrilhos com tapetes persas antigos espaçados, poucos móveis, sofás, poltronas e mesinhas, numa mistura de design moderno e peças de antiquário, estatuetas antigas, pequenas esculturas modernas, cerâmicas folclóricas, plantas.

À esquerda, o hall de entrada, a porta da rua de madeira pesada.

A parede de um lado é de vidro, através da qual se vê uma pequena parte do jardim, com plantas altas que garantem a privacidade. A outra parede do hall, de tijolo aparente, tem quadros abstratos e figurativos, avançando até o centro da sala. Sobre um grande móvel antigo, com portas entalhadas, está o telefone, mais agenda, revistas, fitas de videocassete.

Do centro até o lado oposto, a sala se amplia, com um mezanino em toda a extensão.

Toda a parede do fundo do mezanino é uma grande estante de madeira natural, cheia de livros, pequenos objetos do dia a dia soltos pelas estantes, numa desarrumação de uso constante, perfeitamente ordenada. No mezanino os únicos móveis são uma bégère confortável, com uma mesinha ao lado, coberta de inúmeros porta-retratos e um abajur de coluna.

Na esquina da parede que vem do hall com o mezanino, bem no centro do palco, um pequeno elevador doméstico, de tela de aço, com porta pantográfica, inteiramente vazado.

À direita da sala, uma escada em curva ligando o térreo e o mezanino.

Está entardecendo lá fora, três ou quatro abajures acesos sobre os móveis iluminam a sala numa luz aconchegante e gostosa.

Vestida com a elegância doméstica e confortável de uma saia reta e folgada de lã muito fina, blusa simples de seda e cardigã de cashmere, Renata esvazia os cinzeiros de toda a sala num cinzeiro maior.

Tem uma perna engessada até o joelho, mas caminha com agilidade natural, os gestos nervosos, apressados, ríspidos.

Toca o telefone.

RENATA - Alô? (*tempo*)

Onde é que você está? A ligação está péssima. (*tempo*)

Como não vem? Eu estou te esperando pra jantar. (*tempo*)

Não. (*tempo*)

Não, minha filha, você não vai nessa viagem. Nós já conversamos sobre isso. (*tempo*)

Não, não. Pode dizer que você não vai. (*tempo*)

Onde? Eu não estou te ouvindo, filha. (*tempo*)

Posto? Que posto? (*longo tempo*)

Mas é claro que eu estou zangada! Você me liga do meio da estrada depois da gente ter combinado que você não ia viajar e você quer que eu fique como? (*tempo*)

Não, eu não proibi, não, senhora. Nós conversamos e você concordou que ficava comigo. (*tempo*)

Então proibi, pronto. Qual é o problema? Eu sou sua mãe, você ainda mora em casa, eu tenho todo direito, tenho o dever de te proibir quando acho que... (*tempo*)

E roupa? Você não levou roupa. Nem dinheiro. Nada! (*tempo*)

E desde quando a roupa da Selma cabe em você? (*tempo*)

E dinheiro? (*tempo*)

Sei. (*tempo*)

Não, seu pai não vai mais voltar sábado. (*tempo*)

Não, não sou eu que acho, não. Ele telefonou na hora do almoço: só volta domingo à noite. Você conhece o seu pai, Lúcia, toda vez que está em Nova Iorque acha um jeitinho de ficar mais uns dias. Eu vou ter de ficar sozinha mesmo. (*tempo*)

Só quatro dias?! Ah! eu queria ver você passar quatro dias de feriado nesta cidade, sozinha. (*tempo*)

Não, não estou fazendo drama, não. Você é que está sendo egoísta. Tinha combinado uma porção de coisas comigo: cinema, jantar no japonês, a exposição de tapeçaria... (*tempo*)

E como é que eu posso dirigir com esta perna, filha? (*tempo*)

Não tem bridge esta semana, está todo mundo viajando por causa do feriado.

(tempo)

Eles também. E mesmo que não tivessem viajado eu não vou sair com o casal.

(tempo)

Dei folga pro Sebastião, você disse que ia ficar, achei que podia dirigir o carro pra mim, claro. *(tempo)*

A Iracema e a Luzia também. *(tempo)*

Claro que eu vou me preocupar, mas fazer o que? Você já foi. Que é que adianta eu falar? *(tempo)*

Agora é um pouco tarde pra você se preocupar, não acha? Devia ter pensado nisso antes de ir. *(tempo)*

Mas é evidente que se você ligasse antes eu não ia deixar. Pois estava contando com você! *(tempo)*

Ih, essa conversa não vai levar a nada. Vá e se divirta lá com os seus amigos. Só tome cuidado com o mar. Me esqueça que eu me viro. *(tempo)*

Não, não sou eu, não. É você mesma. Fez a bobagem, agora agüente. *(tempo)*

Não adianta nada você dizer que está se sentindo culpada. Vai estragar o seu fim de semana e o meu. Melhor estragar só o meu, certo? Não é sempre assim? *(tempo)*

Não, não é chantagem, não. É a verdade. *(tempo)*

Escuta aqui, menina, você se dá ao luxo de me aprontar uma dessas e ainda quer gritar comigo pelo telefone? *(tempo)*

Lúcia? *(tempo)*

Eu não admito que você me... Filha?

Ela olha o telefone, solta um pequeno rugido entredentes e desliga com a mais excessiva suavidade de ódio contigo. Parada no centro da sala, agora mais vazia e silenciosa que antes, ela acende um cigarro e olha em torno.

Longamente.

Depois de duas tragadas apaga o cigarro no cinzeiro cheio que tem na mão. Coloca-o em cima do móvel mais próximo, tira do bolso do cardigã um tubo de comprimidos e engole um. Torna a pegar o cinzeiro cheio. Caminha agora com mais dificuldade, quase arrastando a perna engessada.

Apaga um a um os abajures espalhados sobre os móveis, deixando acesos apenas o hall e o mezanino. Visivelmente irritada, apanha três fitas de videocassete de cima de uma mesa, escolhe duas revistas das várias que estão ao lado e anda com esforço até o elevador. Atrapalha-se com o cinzeiro, as fitas e revistas para abrir a porta pantográfica e bufa baixinho, num protesto contido e solitário.

Entra para o cubículo do elevador individual, derruba as revistas ao fechar a porta, aperta o botão.

O elevador sobe bem devagar, ela se abaixa para pegar as revistas. Assim que endireita o corpo o elevador dá um pequeno tranco, fazendo piscar as luzes que restaram acesas na casa.

Ela olha para o alto e aperta novamente o botão: o elevador dá outro tranco, as luzes tornam a piscar.

Ela grunhe um protesto mais irritado e aperta o botão com violência, muitas vezes, olhando para o alto. O elevador dá mais um tranco, com um zumbido estranho, as luzes da casa se apagam de repente, restando acesa apenas a luz interna do elevador.

RENATA - Eu não acredito!

Deixa cair tudo o que tem nas mãos, menos o cinzeiro cheio e esmurra o botão do elevador.

Nada acontece.

A noite acabou de cair lá fora, banhando a sala em penumbra cinzenta. Impotente e perplexa, ela está presa entre o céu e a terra, na minúscula gaiola iluminada do elevador.

Escoa-se um minuto que parece eterno. Os ruídos externos ganham dimensão: um carro que passa, os últimos pios dos pardais se agrupando nas árvores para dormir, um cachorro que late um pouco, longe.

Ela coloca o cinzeiro no chão, respira fundo, pensa, aperta o botão do elevador. Nada acontece.

Ela controla a agitação e olha em torno.

Decide-se e tenta abrir a porta pantográfica. A porta não abre. Ela luta com a porta, com grande esforço. Aos poucos a porta se abre e fica aberta.

Ela avalia a distância até o chão: impossível saltar.

Avalia a altura do mezanino. A perna de gesso parece pesar o dobro, mas ela se coloca na beirada do elevador, agarra as barras da porta aberta e estica o corpo para fora, o outro braço estendido: falta pouco mais de um palmo para alcançar o mezanino.

Coloca-se melhor, agarra com firmeza as barras da porta e estica o corpo, o braço. Não alcança.

Encosta-se na parede do elevador, pensa, respira. E tenta de novo. O braço estendido, o corpo se esticando ao máximo no vazio, o mezanino ali mesmo.

Ela dá um pequeno impulso, seu corpo gira no ar, quase cai para fora, ela grita e se agarra com as duas mãos nas barras da porta pantográfica.

Cola o corpo na parede do elevador, ofegante de susto e desliza para baixo até sentar no chão, as pernas estendidas, os braços tombados ao lado do corpo, o olhar vazio e fixo, o desespero crescendo, surdo. Repentinamente, com a agilidade que lhe permite a perna engessada, se põe de pé, apoiando-se nas paredes. Trêmula, aperta o botão e espera. Aperta outra vez e espera, respirando depressa.

Aperta outra e outra e outra e outra vez, esmurra o botão e a parede com extrema violência, começa um grito que cresce aos poucos, cada vez mais alto, até bater, num extremo de raiva, o pé engessado no chão. Solta um uivo de dor e de ira e cai sentada.

Tempo de raiva impotente, a agitação crescendo.

RENATA - *(rápido e baixo, com raiva)* Eu sabia que essa história de elevador não ia dar certo. Eu tinha certeza. A culpa é minha que aceitei. Não. A culpa é do Ricardo. E da Lúcia também. *(imita a filha)* "Que bobagem, mamãe! Se o papai quer botar o elevador, aceite. Você vai ficar mais independente." Claro, eu tenho de estar "independente". Disponível pra servir. Subir, descer, trabalhar, trabalhar, como se nada tivesse acontecido. Não adianta nada estar com a perna arrebentada. Só pensam neles, neles, neles. *(furiosa, bate no chão do elevador)* Droga! Porque é que eu fui aceitar essa porcaria de elevador? Me estragou com a sala e eu ainda...

O telefone toca. Ela se sobressalta, engatinha até a beirada do elevador, olhando impotente.

O telefone toca outra vez. Ela olha em torno, agitada, frenética, procurando alguma coisa.

O telefone toca. A secretária eletrônica atende, ouve-se a voz dela gravada:

“Três meia dois quatro quatro oito um, por favor, deixe o seu recado após o bip. Obrigada.”

Enquanto escuta, ela agarra uma fita de vídeo, atira impulsivamente na direção do aparelho. E erra de longe.

O recado gravado da secretária está para terminar.

Ela pega outra fita, faz pontaria. O recado gravado termina e a pessoa que ligou desliga sem deixar recado. Jamais se saberá quem foi. Ela fica um instante imóvel, com a fita suspensa no ar, pronta para o arremesso, ouvindo os ruídos da secretária eletrônica rebobinando a fita de recados.

Silêncio. Ela espera mais um tempo, dá um urro de raiva impotente e senta-se no chão do elevador, possessa.

Respira fundo, olha em torno. E tem uma idéia.

Coloca-se de joelhos, passa a mão pelo friso de alumínio que arremata o ângulo das paredes do elevador. Tenta arrancar a ponta inferior, rente ao chão, com gestos frenéticos, apressados. Lasca uma unha, geme, chupa a ponta do dedo. Procura nos bolsos do cardigã, encontra o isqueiro e começa a trabalhar com ele no friso.

Depois de alguns esforços, consegue descolar a ponta inferior. Vai puxando o estreito friso de alumínio até o alto e consegue soltá-lo todo. Deve medir pouco mais de dois metros, muito delgado e flexível. Com grande aplicação ela se senta na beirada do elevador, as pernas balançando no vazio. Com extremo cuidado vai estendendo a longa haste na direção no telefone.

E alcança. Breve riso com a pequena vitória. Tenta encaixar a ponta do friso debaixo do fone, para tirá-lo do gancho, a haste escapa. Ela tenta de novo, consegue encaixar a ponta do friso debaixo do fone, mas a haste de alumínio é fina demais e se curva, sem conseguir levantar o fone. Ela se agita, mas não desiste. Aplicadamente consegue encaixar a ponta do friso no fio espiralado do telefone: um impulso, dois, três, e o telefone cai do móvel para o chão. Ouve-se o ruído da linha. Agitada, esperançosa, ela tenta apertar a tecla de um número com a varinha. E consegue, ouve-se o bip do número teclado.

Meticulosamente, tenta bater noutro número com a ponta da haste. Demora para conseguir, mas finalmente ouve-se o bip de mais um número teclado.

Com o braço esticado começando a se cansar, ela ajeita melhor a sua posição e acidentalmente encaixa a vareta de alumínio debaixo do aparelho da secretária eletrônica e inadvertidamente derruba-o para o chão, fora do seu alcance.

Dá um breve grito de raiva e desespero, mas não desiste ainda. Estica o braço com a varinha de alumínio. Estica mais e mais. Quando constata que não alcançará o aparelho, bate a haste no chão, uma, duas, dez vezes com violência crescente.

E furiosa, deixa cair o friso de alumínio.

RENATA - Eu não acredito!

Tempo.

Imóvel, olha longamente a sala.

RENATA - *(enérgica)* Tem de ter um jeito. Eu quero sair daqui.

Olha o chão, avalia a altura. Respira fundo, criando coragem. Estica no ar a perna engessada, olha para ela, pensa.

RENATA - Dane-se! Quebra de novo, opera de novo. Não vai ser a primeira vez *(minúsculo riso irônico consigo mesma)*. Nem a segunda.

Olha fixamente o chão. Agarra as bordas do elevador com as duas mãos e vai andando sentada, sobre as nádegas, devagarinho, mais para a beirada, preparando para jogar o corpo no ar, o medo crescendo. Um pequeno impulso, vai pular, mas no último instante, se agarra apavorada às bordas laterais do elevador. Recua, afasta-se da beirada, encosta na parede, ofegante, aterrada.

RENATA - Eu estou ficando louca!

Agitada, trêmula, pega do bolso o tubo de comprimidos, vira um na palma da mão. Hesita, olhando o comprimido, dá de ombros, joga na boca e engole. Respira fundo e acomoda-se melhor, procurando uma posição para a perna engessada. Endireita a co-

luna, procurando a própria postura e começa a respirar pausadamente, atenta à respiração tentando se acalmar.

Olha a sala lá embaixo, passando o olhar de um móvel para outro, examinando a própria casa, intensamente. Olha o relógio.

RENATA - Três horas e vinte minutos até as onze. *(dá um longo assobio que estaca subitamente)* Seu Antônio sempre apita quando passa aqui em frente. E sempre embaixo da minha janela.

Pega o maço de cigarros do bolso do cardigã, acende um, dá uma tragada funda, breve riso.

RENATA - Quem diria que eu ainda ia gostar do maldito apito do Seu Antônio.

Disfarçando de si mesma a inquietação, ela olha os objetos do chão do elevador. Pega uma revista e folheia sem nenhuma atenção, fuma, torna a olhar o relógio, fuma, vira as páginas da revista, sem enxergar nada.

RENATA - Falando sozinha. Foi-se o tempo que eu achava que ia ficar louca porque falava sozinha. *(tempo, riso)* Agora tenho certeza. *(fuma, folheando a revista sem enxergar)* Faz tempo que eu não fico sozinha. Os empregados, filha, marido... *(examina mais de perto uma foto da revista, mas não chega a se interessar, continua folheando nervosamente)* Sempre sozinha, isso sim. *(bate no peito, forte)* Aqui, aqui dentro. *(fuma, folheia a revista sem enxergar)*

Do fundo do coração, de longe da memória, brota dentro dela uma canção que cantorola sem palavras, baixinho, solitária.

Afloram as palavras, a melodia aos poucos ganha volume, fervorosa, cantada com a firmeza de uma voz musicalmente educada:

RENATA - *(incerta e inconsciente)*

hum-hum hum-hum hum hum-hum hum

hã rã rã hãããã sobre o altar

hãrãrã nã se levanta
 para o Brasil abençoar
(forte, séria)
 É o Santo Sacramento
 é o próprio Cristo Jesus
 Queremos Deus que é o nosso rei
 Queremos Deus que é o nosso pai
 Queremos Deus...

A frase interrompida fica boiando no silêncio um longo tempo, enquanto ela pensa, absolutamente imóvel.

RENATA - *(esmaga o cigarro no cinzeiro)* Eu não acredito.

Folheia a revista freneticamente, sem olhar nada. Olha o relógio e torna a folhear a revista, até o fim. Atira de lado a revista que cai lá embaixo, no chão da sala. Ela olha a revista lá embaixo, olha o relógio, suspira.

RENATA - Odeio esperar. Acho que por isso que só tive a Lúcia. *(breve riso)* Que bobagem. *(olha o relógio)* Só faltava o Seu Antônio não passar hoje. Nem amanhã, nem depois, até segunda.

Muito nervosa, ela encosta na parede, de olhos fechados, estende os braços no chão, arranja o corpo em posição de relaxamento, respirando pausadamente, soprando a expiração com ruído, tentando controlar a tensão.

RENATA - Bobagem ioga. A Lúcia acredita, leva a sério. Eu não. Mas nessas horas o relaxamento é bom. É.

Respira sonoramente algum tempo, muito nervosa, tentando o relaxamento mal assimilado de uma possível única aula de ioga. Olha o relógio e volta a fechar os olhos, respirando.

RENATA - Tem a empregada aí do lado também. Depois do assalto dona Maria Eunice não deixa mais a casa sozinha. E Seu Antônio vai passar às onze horas. Pra isso que é pago. E bem pago. *(Tempo. De repente recita, como criança, de olhos fechados)*

Santo anjo do Senhor
 Meu zeloso guardador
 se a ti me confiou
 a piedade Divina
 sempre me rege e me guarda,
 governa, ilumina,
 Amém.

(tempo) Só faltava me aparecer um anjo aqui agora. Eu acreditava piamente que ia me aparecer o Anjo da Guarda no colégio.

(imita a Mãe) “Você vai gostar, minha filha, só meninas das melhores famílias. O colégio é longe, mas as mães são uns encantos e nas férias você vem...”

(tempo de memória, imita a freira alemã) “Agôrra nós sh desss no porrôn, fôce pega enxofál no baú, eu folta búshcarr depôsh, simmm???” desgraçada Madre Helga me largar sozinha presa naquele porão escuro.

(desiste do relaxamento, senta-se melhor, pega o maço de cigarros do bolso do cardigã e coloca um na boca, cruza as pernas)

Ruim a Madre Helga, má... *(ri baixo, gostoso, acendendo o cigarro)*

Eu primeira da fila, a menor da classe, descendo a escada, de repente aquela bola rolando escada abaixo, rente de mim, preto, branco, preto, branco, preto, branco, até se estatelar lá embaixo. Nada elegante uma freira morrer ensangüentada.

(ri, fuma, enjoa-se com o cigarro que apaga cuidadosamente no cinzeiro e poussa a ponta ainda grande na borda dele, aplicadamente, enquanto diz:) Eu sempre dou risada quando fico nervosa.

(está mais relaxada. Suspira e depois ri alto, gostoso, cantando em seguida, com força)

“O cordão de Jesus rebentou” *(ri mais, torna a acender o cigarro)*

Lindo o Cristo do colégio. Sangue na cara, escorrendo da coroa de espinho, no ombro, no joelho, no peito, lindo na cruz, os músculos aparecendo, forte, sem

pelo nenhum, nuzinho... nuzão, só com aquele pano na frente, amarrado com uma corda (*fuma e ri gostoso, cantando com ânimo*)

“O cordão de Jesus rebentou” (*esmaga o cigarro no cinzeiro*)

“Dji cashtigo eshrreverr cemm fêzes ‘o pendão de Jesus Redentor’. Madre Helga que descobriu que eu não sabia a letra, sempre a Madre Helga. Mereceu morrer daquele jeito. (*olha o relógio, boceja elegantemente, acomoda-se e fecha os olhos*)

Não é ruindade, não. Eu não sou ruim. (*tempo, relaxada*) Sou justa. Ela mereceu.

Tempo longo, pleno de ruídos urbanos da noite que se instala lá fora.

De longe vem chegando uma canção sertaneja, tocada em rádio de pilha, acompanhada do ruído dos pneus de uma bicicleta sobre o asfalto.

Quando o som está diante da casa, ouve-se um apito prolongado que estaca subitamente, característico dos guardas de quarteirão e igual ao assobio que Renata reproduziu antes. Um latido curto, familiar e abafado do cachorro da casa vizinha. A música e o rodar dos pneus da bicicleta se afastam até sumir, mas Renata não reage. Está dormindo por causa do comprimido que tomou. Sem despertar ela desliza para o chão e se acomoda melhor.

Quase imediatamente, os cachorros começam a ganir baixinho, choramingando agitados, ouve-se um riso feminino e vozes que vão se aproximando, até soarem bem próximas, na casa vizinha da esquerda, do lado do jardim e da parede de vidro do cenário.

Vindo de fora de cena, ouve-se o seguinte diálogo:

LURDES - (*risinhos histéricos de namoro no escuro, falando baixo*) Não! Não! Aqui não. Tá na hora do guarda passá. (*os cachorros latem*)

HOMEM - Já passou, boba. Você não viu?

LURDES - Passô não. Se ele vê vai contar tudo pra dona Maria Eunice. (*os cachorros latem*) Quieta, Bruma!

HOMEM - Você não viu ele passar na bicicleta?

LURDES - Vi não. (*risinhos excitados*) Pára! Aqui não. (*risos*) Ai! (*os cachorros latem*) Quieto Tição! Fica quieta, Bruma!

HOMEM - (*pastoso e sedutor*) Então deixa eu entrar.

LURDES - (*excitada*) Posso não.

HOMEM - (*ofegante, sedutor*) Deixa, vá. Deixa...

LURDES - (*entre beijos*) Não. (*tempo, suspiro de tesão*) Não pode. A dona não deixa.

HOMEM - Só um pouquinho.

LURDES - Só um pouquinho não adianta! (*risos dos dois, latidos dos cachorros*) Quietinho, Tição! Olha a barulheira que os cachorro tão fazeno. Vai acordar os vizinho tudo.

HOMEM - Vai nada. Tá todo mundo viajando.

LURDES - Tá não. Amanhã é que o pessoal viajam.

HOMEM - Então amanhã você deixa?

LURDES - Vamo vê. (*beijos ofegantes, os cachorros latem*) Agora é melho você ir embora.

HOMEM - Amanhã? Hã? Lá mesmo? (*os cachorros latem*)

LURDES - Tá. Tá bom. Agora deixa eu entrar. (*beijinho*) Tchau.

HOMEM - Vou te esperar, hein? (*os cachorros latem furiosamente*)

LURDES - Vem, Tição, Bruma, vem. Pra dentro os dois. Peste! Vem, vem...

Passos, respiração forte dos cachorros.

E o silêncio noturno.

Renata dorme profundamente no elevador, sem se mexer.

Tempo.

Suavemente começam a brotar os ruídos do amanhecer: um ou outro pássaro, um carro que demora a dar partida ao longe, vozes de crianças, outros carros que passam, um despertador muito longe, vozes e o canto dos pássaros cada vez mais forte.

Suavemente amanhece na sala.

Renata se vira devagar no chão do elevador, se espreguiça e desperta subitamente, sentando-se de um salto. Olha em torno e bate no chão, numa súbita explosão de raiva.

RENATA - Droga! (*esmurra o chão*) Droga! Droga! Droga! (*tempo, olha em torno, perplexa*) Eu dormi! Dormi! Que burra! Burra!!

Tempo. Olha o relógio, olha o painel de botões do elevador, levanta-se com dificuldade, apoiando-se nas paredes, cuidando da perna engessada. Olha os botões, hesita, olha para o alto, tentando enxergar o possível problema do elevador. Torna a olhar os bo-

tões, hesitante, aperta um botão e espera. Nada acontece. Aperta de novo. Nada. Pensa um breve tempo, confusa, irritada. Dá um tapa no painel do elevador e caminha pelo minúsculo espaço, pensando intensamente.

RENATA - Não é possível. Eu não acredito. Tem de ter um jeito. É ridículo!

Caminha cada vez mais depressa com a velocidade que a perna engessada lhe permite no espaço minúsculo, até ficar praticamente rodando em torno de si mesma, a perna engessada marcando passo no mesmo ponto. A agitação não é só do nervosismo da situação, mas da vontade de fazer xixi, as mãos sobre o ventre. Estaca, curvando ligeiramente o corpo de vontade de urinar e olha em torno. Abaixa-se, pega o cinzeiro grande, olha para ele, cheio de pontas de cigarro, olha para a sala lá embaixo, linda, limpa. Num impulso, com um gesto brusco e amplo atira todo o conteúdo do cinzeiro para o chão da sala: os tocos de cigarro caem, a cinza forma uma nuvem que vai baixando aos poucos, devagar, enquanto ela olha. Quando a nuvem de cinzas se dispersa, pressionada pela vontade fisiológica, sem perder a elegância, ela pousa o cinzeiro no chão, junto à parede de tela de aço dos fundos do elevador, baixa a calcinha por debaixo da saia e se acocora sobre o cinzeiro, apoiando as costas na parede, as mãos no chão, num grande esforço para manter a dignidade para si mesma. Baixa a cabeça e concentra-se. Respira aliviada e fica imóvel, urinando. Depois de um tempo o líquido começa a gotejar do fundo do elevador para a sala, até formar um fio que escorre com ruído para o chão. Evidentemente o cinzeiro era pequeno demais. Diante da comicidade patética da situação, Renata, imóvel na sua indigna postura, explode num choro convulso de terror, vergonha e raiva. Inclina o corpo para a frente e cai de quatro no chão, a cabeça baixa, chorando alto. O xixi pára de gotejar para o chão lá embaixo. Ela bate no chão, chorando muito.

RENATA - Droga! Me tira daqui, meu Deus. *(sem parar de chorar, impotente e furiosa)* Meu Deus! Meu Deus do céu. Deus Todo Poderoso. Deus de Misericórdia. Me tira daqui, meu Deus! Me tira daqui, merda! *(chora perplexa diante do palavrão desusado)* Merda! *(senta no chão e a enxurrada de palavrões vai brotando baixinho e crescendo devagar)* Merda! Merda! Puta que pariu! Puta que o pariu!

Pu-ta-que-o-pa-riu! Caralho! Porra! Buceta. Bu-ce-ta! (*tempo perplexa consigo mesma e um grito furioso*) CU!

Tempo. Explode numa gargalhada e chora um tempo, enquanto, desajeitadamente, meio deitada no chão, vai levantando a calcinha por baixo da saia, parando de chorar aos poucos.

RENATA - Que ridículo!

Enxuga os olhos com a mão, tira um lenço do bolso do cardigã, enxuga os olhos, assoa o nariz. Se recompõe. Guarda o lenço, comportadamente, pega o maço de cigarros do bolso, conta os cigarros displicentemente e acende um. Olha em torno. Repugnada, pega uma revista e cobre o cinzeiro cheio de xixi. Olha o chão da sala lá embaixo, sujo de cigarros e molhado de urina.

RENATA - Que horror!

Tempo pensando, pequenas tragadas curtas em seqüência. Sobressalta-se, olha o relógio. Levanta-se agitada, olha na direção da parede de vidro, vai gritar e estaca, perplexa.

RENATA - Eu não sei o nome!!! Dona Maria Eunice me disse. Eu esqueci!...

Fuma, nervosa, em tragadas curtas até acabar o cigarro. Joga no chão e amassa com o pé. Olha na direção da parede de vidro, esticando o corpo para tentar enxergar a casa vizinha.

RENATA - (*tímida, baixo*) Ô! (*pigarreia e tenta de novo, mais forte*)

Ô! Ôôôôôôôô!... (*os cachorros latem um pouco e param. Renata espera. De repente se lembra*)

Lurdes! É Lurdes! (*grita muito alto e forte*)

Lurdes! (*os cachorros latem*)

LUUUURDES! (*os cachorros latem mais forte*)

LURDES - *(fora de cena, na casa vizinha)* Quietos suas peste!

RENATA - LUUURDES! LUUUURDES! *(os cachorros latem furiosa e prolongadamente)*

LURDES - Fica quieto, senão eu prendo ocês.

RENATA - *(baixo, para si mesma)* Isso! Prende eles! LUUURDES! *(os cachorros latem furiosamente encobrindo a voz dela)*

LURDES - Quietos, Tição! Bruma! Porcaria de bicho!

RENATA - LUUUURDES! *(os cachorros latem furiosamente)*

LURDES - Pode latir quanto quiser. Só dou comida quando eu voltar de noite, seus sarmento. Fica quieto aí!

RENATA - *(baixo, desesperada)* Não saia, não! Não saia! LUUURDES! *(os cachorros latem furiosamente)*

LURDES - Inferno! Inda bem que eu não tenho de ficar aqui pra agüentar! *(passos misturados aos latidos dos cães, o portão range forte se abrindo e é batido com força)*

RENATA - LUUURDES! LUUUURDES! AQUI, NO VIZINHO! SOU EU, LURDEEEEEES! AQUI! LUUUUUR...

Renata tem uma crise de tosse matinal enquanto os cachorros latem. Eles se calam, mas ela tosse ainda. Recupera o fôlego e encosta o corpo de frente na parede do elevador, escondendo o rosto.

RENATA - *(murmurando)* Não é possível! Não é possível!!! Eu quero sair daqui!

Desesperada, bate a testa na parede, com força progressiva e um grande urro vai brotando de dentro dela e explode, como um grito de morte. Repentinamente, sem qualquer mudança de luz ou indicação de mudança de clima, a porta da rua se abre e por ela entra uma freira de aparência severa, caminhando decidida até o centro da sala. Renata se imobiliza na posição em que está e olha cautelosamente para ela.

RENATA - *(sussurra, aterrada)* Madre Helga...

A freira para no meio da sala e olha para ela lá em cima.

HELGA - Porr que grrida assimmm?

RENATA - *(hesitante, perplexa)* Porque eu... estou com medo.

HELGA - Dji que?

RENATA - *(hesitante, perplexa, imóvel)* De ficar presa.

HELGA - Ôôôôôh! Moça ggrandje como fôce comm medo... Côsa másh feio.

RENATA - *(ri nervosa, sem conseguir se controlar)*

HELGA - De que êshta risando? Non risa!

RENATA - *(ri)* A senhora... morreu. *(ri descontrolada)*

HELGA - Pôsh claro. Fôce fiu quando eu cáí do eshcada, non?

RENATA - *(Corta o riso, olha fixamente a madre, baixo para si mesma, cheia de medo)*

Eu estou ficando louca.

HOMEM - Ach! Medo côsa xente frraco! Reza Noss Senhorr Iesu Crrishtu, medo passa.

(faz o sinal da cruz) In nomine Patri et Filii et Spiritus Sancti.

RENATA - *(baixo, para si mesma)* Não! Eu... eu não posso rezar.

HELGA - Och! Porr que?

RENATA - *(breve tempo)* Eu não rezo nunca. Não vou rezar agora. Pra pedir. Não está certo.

A madre avança uns passos, olha para ela mais de perto.

Olham-se um tempo.

HELGA - Non fash mal. Eu reza prra fôce. *(põe-se de joelhos, abre os braços e reza, fervorosa, os olhos fechados, o rosto voltado para o alto)*

Pater noster qui est in caelis, Sanctificetur nomem tuum: Adveniat regnum tuum:

Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra. Panem nostrum quotidianum da nobis

hodie: Et dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.

Et ne nos inducas in tentationem. Sed libera nos a malo. Amen.

Ave Maria gratia plena, dominus tecum, benedicta tu immulieribus, benedictus

fructus ventris tuum Iesus. Sancta maria Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus,

ora et in ora mortis nostram. Amen.

Renata assiste. A madre prossegue rezando uma Ave Maria atrás da outra, em voz baixa, num ritmo monótono.

RENATA - Eu não acredito. Isso não pode estar acontecendo.

Vira as costas e caminha para o fundo do elevador. Imediatamente a madre para de rezar, imóvel. Com o silêncio, Renata estaca. Vira a cabeça cautelosamente para olhar a madre. Com o olhar dela, a madre volta a rezar, do ponto onde tinha parado.

Curiosa, intrigada, Renata volta até a borda do elevador e olha a madre rezando lá embaixo.

RENATA - Por que você está rezando por mim? Justo você? A primeira pessoa que eu odiei na minha vida? *(tempo)*

Hã? (a madre nada responde, continuando a oração que faz um fundo monocórdio para toda a fala de Renata)

Quando fui praquele colégio eu era uma menina ingênua, boba até. Sem malícia. Pura...

(tempo, escuta a madre rezando, repentinamente imita Helga) “Agorra pegarr livrrinho ‘Imitaçon de Chrrishto’, páxina quatrocentosh oitenta doish, decorrarr ‘Obrigaçons dos Donzelas’”. (Madre Helga sorri com a imitação de si mesma, mas continua rezando. Renata recita de cor, infantil)

“Primeira: Em todas as ações guardar suma modéstia. Segunda: Ser mui considerada nas palavras. Três: Não desejar ver nem ser vista. Quarta: Não vestir com vaidade. Quinta: Fugir das conversas a sós com homens. Sexta: Abominar os namoros, bailes e teatros. Sétima: Não estar ociosa nem um só momento.”

HELGA - *(intercala na oração um:)* Munto bemm!

(e continua rezando, inabalável)

RENATA - Tudo que era saudável e natural: proibido, pecado. Como é que vocês podiam preparar alguém para uma coisa que não sabiam o que era? A vida. Presas entre quatro paredes, isoladas do mundo, monstros orgulhosos da pureza, da castidade, da devoção, donas da Fé. Tudo limpo, esfregado, brilhando por fora e um mar de lama, de perversidade por dentro. As virgens “esposas de Cristo” igno-

rantes, tacanhas, com medo da vida, do prazer. Cama dura, comida ruim e pouca pra adolescentes em crescimento, morrendo de fome, banho frio...

(olha a freira rezando) Tomar banho de camisola!! Tirar a roupa por baixo, se ensaboar por baixo do pano fininho, se enxugar por baixo, vestir o uniforme por baixo. Tudo por baixo, escondido. Eu sentia mais vergonha de tirar a roupa por baixo da camisola na sua frente do que se estivesse nua de verdade. Pecado ficar nua, olhar o próprio corpo, o das outras. Meu peito chato como uma tábua, as mais velhas desabrochando feito fruta, a camisola molhada debaixo do chuveiro, grudada nos peitos novinhos, um triângulo escuro no meio das pernas, os pelos fazendo um montinho embaixo do pano molhado. Não era malícia, era curiosidade, inveja de já ser mulher. Vocês é que olhavam com malícia. Madre Zelda devorando com os olhos a Heloísa no banho. *(tempo, ouvindo a madre rezar)* Eu não fui contar quando vi as duas se beijando na boca no pomar, fui perguntar. Não sabia nada. Achava que de beijar na boca ficava grávida porque vi um filme americano que a mocinha beijava o mocinho e na cena seguinte já estava grávida. Queria saber o que uma freira grávida ia fazer com o filho. Boba-boba. Ingênua. Você não entendeu a minha pureza. De castigo no quarto escuro. O “quartinho” do sótão. Presa num cubículo escuro, sozinha, em silêncio absoluto, até perder a noção do tempo... *(olha a madre rezando)* Quando você rolou a escada e morreu eu fiquei feliz. Deus era justo. Você ia ficar presa pra sempre num caixão escuro embaixo da terra como eu tinha ficado no quartinho. Morta.

HELGA - *(parando de rezar e se levantando devagar)* Non. Eu eshtarr fifo.

RENATA - *(as duas se olham)* Você está morta. E no inferno.

HELGA - Ach! Êshte bobaxem crriança coléxio: inferrno, céu... Mulherr exclarrecido como fôce falando bobaxemm. Eu eshtarr fifinho do silva ne fundo seu corraçon.

RENATA - No meu coração nunca. Na minha memória... talvez.

HELGA - Êshte ôtro bobaxemm! Memórria, cabeça, corraçon, tudo uma cõsa só. Nada djifidjido, separrado. Se êshta no memórria êshta tammbémm corraçon de álgumm xeito. Serr humano uma cõsa só, interrinho. Non dêxa quebrarr pedacinhosh, senon munto djifícil juntarr tudo ôtrra fesh, simm filha? Eu estarr fifo, preso dentrrro seu corraçon como fôce preso elevadorr agorra, morrendo dji medo.

RENATA - Eu não estou com medo.

HELGA - Enton porrrque me chamarr aqui?

RENATA - Eu não te chamei!

HELGA - Pensa bemm. Lemmbrra. Fôce me chamarr todo vesh que terr medo alguma côsa, igual pprimerra fesh ne coléxio, medo ficarr ppreso no porrôn. Toda vesh eu dizerr, reza Noss Senhorr Iesu Chrrishtu. Fôce non rezarr... Medo folta, claro.

RENATA - (*num jorro agressivo, acusador*) Eu não sou uma mulher medrosa. A vida inteira tive de lutar contra o medo que vocês me ensinaram. Medo e culpa. Medo do inferno, medo de Deus, medo de doença... Eu fui a última da classe a “ficar mocinha”. Todo mês aquele monte de paninho pendurado no varal com os distintivos de sangue, tanta mulher junta acaba menstruando todas ao mesmo tempo, eu sabia o que era, como era, mas nunca pensei que ia acontecer comigo e quando chegou a minha vez ninguém me explicou nada. Perversas vocês, em nome da pureza, da castidade. O desespero daquele sangue todo saindo de mim, meu sangue todo saindo de dentro de mim, achando que ia morrer e eu tive medo, sim. Menstruação era doença. Doença era castigo. (*imita Helga*) “Se êhsta doente é porrrque Deus êshta cashtigando pecados”. E eu vivia doente porque vocês me ensinaram a sentir medo e culpa.

HELGA - (*firme*) Agorra cala boca e chega dizerr bobaxem!! Porr que non olha ferrdad-ji dji frentje uma fesh no fida? Fôce semprrre doentxe porrrque erra menina djis-simulado. Se lembrra saco dji balash, humm?

RENATA - (*hesitante*) N... Não...

HELGA - Lembrra simm, se quiserr lembrra munto bemm. De rrepentxe ficou com dorr no mon. Dorr muuunto forrtxe! Ninguém poderr encoshtarr no mon que gridar dji dorr.

RENATA - Eu... não me lembro!

HELGA - Uma semana interrinho nóish tudo madrres ppreocupado. Chamarr médjico, médjico djizerr: non temm nada. Eu trazerr saco dji balash, darr ppra fôce, fôce pegarr com mon boa. Eu dish: Non. Só ganha se pêgarr comm ôtro mon. Mon doentxe. E fôce pegarr no meshmo horra. (*tempo, sorriso irônico*) Milagre!

RENATA - Eu... eu era uma criança.

HELGA - Erra. Erra crriança djissimulado, ladjjino. Todo fesh querria alguma côsa, ficarr doentxe.

RENATA - Não é verdade!

HELGA - Olha perna quebrada êssa. Olha perna. Quantosh fêzesh quebrrou já, humm? (*tempo*) Reshpondji.

RENATA - (*hesitante, nervosa*) Três.

HELGA - Ach! E o sishjtjtxe crrônico quantosh anosh fash? Quantash fêzesh operraçon, humm? (*tempo. Renata não responde. Helga conta nos dedos*) Hérrnia do djishco, úlcerra duodéno, ovárrio doish fêzesh...

RENATA - Minha saúde...

HELGA - (*interrompendo*) Seu saúdji perrfeito! Fôce prroblema, fôce meshma. Non pôe culpa nosh otrrosh, no saúdji. Porr que fala nósh madrre prrisionêrro confento? Fôce prresa igualzinho, maish rico, côsas muito lindosh tudo. Mas fôce prresa aqui dentrrro igualzinho madrres coléxio. Porr que dish nósh madrre tudo seco, medo sexo, se marrido seu fife fiaxando, fugirr de fôce que non querrerr maish cumprriir obrrigaçon eshposa? Porr que dish nósh madrre terr medo do fida, humm? Fôce munto maish medroso, sabe? Covardji.

RENATA - (*indignada*) Eu não sou covarde! Eu sou forte! Não é qualquer uma que agüenta o que eu tenho agüentado.

HELGA - (*tempo olhando Renata lá em cima*) Sofre munto fôce, non?

RENATA - Sofro. Sofro, sim. E sou muito forte.

HELGA - (*dá uma gargalhada*) Ach! Êshte mentirra cabeludo nemm fôce meshma acreditar. Fôce temm medo fifer o fida.

RENATA - Eu não tenho medo.

HELGA - Non?

RENATA - Não! Eu não tenho medo. Não tenho medo!

HELGA - (*muito severa*) Enton porr que non acreditar emm nada?

Tempo. Renata olha fixamente a madre, muda de perplexidade por um momento.

Depois dá um breve riso irônico.

RENATA - Eu não acredito...

HELGA - Êshta fendo? Esse côsma maish djish djia intêrro, todo djia. (*imita Renata*) “Eu non acredjito. Eu non acredjito”.

RENATA - (*riso involuntário com a imitação. Intrigada*) O que é que tem a ver o meu medo com o fato de eu acreditar ou não?...

HELGA - *(bate as mãos, satisfeita e de mãos juntas)* Ach! Eshte agorra perrgunta im-
porrtante! Agorra eu poderr irr emborra prra sempre se fôce entendji.

RENATA - Entender o que?

HELGA - *(clara e firme)* Fôce meshmo. Que maish temm prra entenderr ne mundo?

As duas se olham longamente.

Madre Helga sorri, faz o sinal da cruz em silêncio. Caminha para a porta e sai, fechando a porta da rua atrás de si.

Do seu elevador, Renata olha. Tempo.

RENATA - Madre Helga?...

Ela chama e espera um tempo em silêncio.

Repentinamente os cachorros começam a latir furiosamente, Renata se sobressalta caindo de volta na realidade. Um tremor descontrolado a domina. Pega um cigarro, acende com dificuldade, perturbada, ofegante.

RENATA - O que que é isso? O que é que eu estou fazendo? *(olha o relógio, fuma)*
Perdi completamente a noção do tempo. Dezesseis horas que eu estou aqui! Por
isso que eu... que eu estou...

Com o cigarro na boca, pega o tubo de calmantes do bolso do cardigã e, agitada, deruba todos os comprimidos no chão. Põe-se de quatro, com dificuldade com a perna engessada, nervosa, começa a catar os comprimidos um por um, recolocando no tubo.

RENATA - *(cigarro na boca)* Tenho de fazer alguma coisa! Tenho de fazer alguma
coisa pra sair daqui. Tenho! *(cata comprimidos)* O que? O que??

Engasga com a fumaça do cigarro e tosse violentamente. Tapa a boca com a mão que segura o tubo de comprimido e eles tornam a se espalhar pelo chão. Furiosa, atira longe o tubo vazio e se senta no chão. Apesar da tosse continua fumando.

RENATA - Por que é que isso tinha de acontecer comigo? Justo comigo?

Repentinamente se põe de pé, arrastando a perna engessada. Atira-se ao painel de botões do elevador. Felizmente, ele é preso apenas por encaixe e ela consegue arrancá-lo da parede, esticando os fios de contato. Tenta entender os diversos fios de cores diferentes. Arranca-os, sem saber direito o que está fazendo, mas tentando desesperadamente fazer alguma coisa enquanto fala muito alto, quase gritando:

RENATA - Presa dentro da minha casa conversando com morto. Isso não existe! Não existe! Eu estou com medo, sim! Estou morrendo de medo! Quem é que não ia ter medo no meu lugar? Quem? *(com desprezo)* “Conhece-te a ti mesmo”. Ha! Eu me conheço muito bem e não quero saber dessas besteiras. Eu não acredito em espiritismo. religião de empregadinha, de gente fraca. A Luzia espírita, a Iracema macumbeira. E a Lúcia... a minha filha, minha filha na ioga, na astrologia, tai-chi, acupuntura, tudo a mesma coisa, só muda o nome, todo mundo com a sua muleta, enfiando a cabeça na areia feito avestruz. Eu não acredito em nada. Não acredito. Eu só acredito na realidade. *(segura um fio elétrico em cada mão)*. No momento presente. Na realidade, na realidade! *(enquanto enrola a ponta desencapada de um fio canta, muito alto)* Queremos Deus que é o nosso rei, queremos Deus...

Os dois fios estão com as pontas enroladas, prontos para o contato. Ela segura um em cada mão.

RENATA - Nem em Deus...

Num gesto grande, temeroso e temerário, junta os fios de repente e faz o contato.

Uma grande faísca, Renata é atirada para trás, largando os fios.

A porta pantográfica se fecha com violência.

Os cachorros do vizinho latem uma ou duas vezes e se calam.

Ela avança devagar, agarra as grades da porta fechada, esgotada, encosta nelas a cabeça e fecha os olhos.

Ouve-se um choro manso de mulher.

Renata abre os olhos e olha em torno, procurando.

No mezanino, surge uma mulher extremamente elegante: vestido de gaze de seda estampada, a saia godê bem abaixo dos joelhos, chapéu de palha fina de abas largas, ar campestre da década de quarenta.

Enjaulada, agarrada nas grades, Renata olha perplexa para fora, sentindo a presença, que da sua posição não pode enxergar.

A mulher, sempre chorando manso, com um lenço na mão sobre a boca, caminha lenta e elegante pelo mezanino.

Diante da mesinha de porta-retratos se detém.

Renata espera, imóvel.

A mulher pega um porta-retrato de prata, desliza a ponta do dedo pela foto antiga. Olha na direção de Renata, sorri, chorando mansamente e mostra a foto na direção de Renata.

RENATA - *(baixinho, docemente, suspensa)* A senhora... papai... eu... na fazenda...

A Mãe pousa o retrato na mesa e caminha devagar.

RENATA - *(temerosa, infantil)* Não vá embora, mamãe!... Fique comigo...

A Mãe estaca, sorri, aliviada, olha para o elevador onde Renata está enjaulada.

Tempo.

Elegante, solícita e um pouco ansiosa, espera, olhando sempre na direção de Renata.

RENATA - A senhora sempre ficou tão pouco comigo...

A Mãe suspira profundamente. Fecha os olhos e sorri, aliviada. Ansiosa, Renata interpreta erradamente o sorriso da Mãe.

RENATA - Não! Não fique brava! Eu prometo que não falo nisso.

O sorriso desaparece subitamente, a Mãe abre os olhos fixos, perplexa, empina o corpo, sacode a cabeça num ligeiro desespero.

RENATA - Prometo.

A Mãe caminha na direção da escada.

RENATA - Fique comigo, mãe. Estou precisando tanto!...

No alto da escada, a Mãe vira o rosto de lado, num breve suspiro irritado, bate o punho fechado na coxa num pequeno gesto de impaciência.

Renata enxerga a Mãe agora e olha longamente. Sorri, distante.

Desliza, sempre agarrada à grade, sem tirar os olhos da Mãe e senta-se no chão do elevador.

RENATA - A senhora é tão linda... Tão elegante... Deixa eu te olhar assim, como eu fazia em criança... a senhora tocando piano, lendo poesia em francês na bérquère, eu tenho até hoje, está vendo?, ali no mezanino (*a Mãe olha*), deitada no sofá de couro, na penumbra, a compressa de água de rosas na testa...

MÃE - Enxaqueca... (*começa a descer a escada, lentamente*)

RENATA - ...e nas férias, na fazenda, lembra?

A Mãe faz que não com a cabeça, interessada e surpresa, descendo os degraus.

RENATA - Eu sabia! Eu sabia que a senhora não sabia! (*ri, quase infantil*) Sentada assim na cadeirona de palha da varanda, horas e horas, olho fechado... olhando sem ver o pomar lá fora.

MÃE - Calor, sol branco, cigarra cantando, passarinho tomando banho de terra...

RENATA - A senhora ficava mais triste na fazenda, mamãe... (*tempo*) Era o papai, não era? Papai de bota alta, falando alto, rindo alto, me carregando no ombro, com cheiro de suor...

MÃE - Querendo levar você pra ver vaca parir...

RENATA - A senhora não disse nada. Só levantou a sobrancelha assim, parecia uma rainha, ele me pôs no chão, fechou a cara, saiu... Na fazenda a senhora tinha de

conviver com ele, almoçar e jantar na mesma mesa todo dia, dormir na mesma cama toda noite. Era isso, não era?

A Mãe terminou de descer a escada e desvia o rosto.

RENATA - Eu tinha pena do papai, mas ele era forte, alegre, vivia na fazenda, tinha os peões, o gado, não precisava de mim. Eu tinha mais pena da senhora.

Surpresa, a Mãe olha para Renata, lá em cima, e junta as mãos, rígida.

RENATA - Pena, sim. Levantei no meio da noite, da porta do meu quarto ouvi vocês na cama. Quer dizer, ouvi o papai, respirando forte, gemendo, a cama rangendo. Senti medo dele, raiva porque ele estava fazendo coisa com a senhora, te humilhando, te fazendo sofrer. Ele saiu do quarto, segurando a calça do pijama com a mão, me viu no escuro, riu, me fez um agrado no rosto, me botou pra dentro do meu quarto, fechou a porta, eu não consegui dormir, achando que a senhora devia estar chorando no outro quarto, morrendo de pena... *(tempo)*

A Mãe perturba-se e senta-se numa poltrona de frente para o elevador, olhos fixos em Renata.

RENATA - Na fazenda... *(tempo)* depois do almoço, eu juntava os brinquedos, as bonecas, sentava no chão de tijolo fresquinho, com cheiro de terra, úmido, frio, fingia que estava brincando pra ficar te olhando. Alheia, distante, feito uma estátua de porcelana naquela casona simples, rústica, tua mão no colo, no vestido de seda, as unhas feitas, a aliança, o anel de brilhante da vovó, que a senhora não tirava nunca *(olha o anel na própria mão)*, eu não tiro nunca, está vendo? *(mostra para a Mãe, olha o anel)* Mas na minha mão não fica tão bonito. Eu tenho a mão larga do papai, nada em mim fica tão bonito como ficava na senhora. *(tempo olhando a Mãe)* Em ninguém ficava. A gente entrava na igreja, sempre um pouquinho atrasados pra missa das dez, papai ficava no fundo, perto da porta, nós duas pelo corredor até lá na frente, todo mundo olhando, a senhora linda, todo domingo um

vestido novo pra nós duas, as mães das minhas colegas de escola morrendo de inveja, copiando o seu modelo que nelas ficava ridículo...

A Mãe ri alto.

RENATA - *(sorri com a Mãe)*... costurando feito loucas pras filhas terem as roupas lindas que eu tinha, feitas na costureira, a Cota, que costurava pra nós, só pra nós, a senhora pagava por mês... A manicure em casa, o horário fixo na cabeleireira, o cardápio da semana inteira pra cozinheira pra não engordar nem uma grama, o médico que vinha em casa toda vez que a senhora ficava doente...

MÃE - Minha saúde sempre foi frágil...

RENATA - *(longo tempo olhando a Mãe)* Eu nunca vou ser como a senhora. *(breve riso irônico)* Claro, na minha idade já devia ser como eu mesma. *(tempo de reflexão)* Deveria, pelo menos. *(tempo olhando a Mãe que encara imóvel)* Eu ainda quero ser a senhora: alta, esguia, elegante, delicada... perfeita, sempre perfeita...

A Mãe explode num soluço e chora manso, fazendo que não com a cabeça, olha censurando para Renata, que não entende nada, olhando a Mãe.

RENATA - *(desesperada)* Que foi que eu fiz? O que? Não chore, mãe! Por favor!

A Mãe estica o corpo na direção de Renata, vai falar, mas se contém, como se obedecesse a uma proibição interior, tapando a boca com a mão, contendo o choro manso, olhando fixa e ansiosamente para Renata, esperando dela alguma coisa.

Renata se levanta com sacrifício, a perna engessada pesando, desesperada, agarra as grades, que sacode violentamente.

RENATA - *(num súbito ataque de raiva)* Não faça isso comigo! Diga alguma coisa! Diga! Me xingue! Brigue comigo! Qualquer coisa! Mas não fique quieta! Não!

A Mãe sorri, fecha os olhos e recosta na poltrona, a mão no peito, aliviada.

Renata observa e mais uma vez interpreta errado a atitude da Mãe.

RENATA - *(cheia de ressentimento e rancor)* Você sempre fez isso comigo! Cada vez que eu fazia uma coisa errada, esse olhar duro, desprezo, silêncio, enxaqueca, trancada no quarto e eu... sozinha com a culpa... errada, sempre errada, falando alto, correndo, suando, sujando a roupa, detestava aquela maldita professora de piano... *(um soluço explode, alto como um grito, mas ela não chora e continua com raiva)* Por que você não me ensinava piano, mãe? com você eu aprendia, não precisava me mandar embora...

MÃE - *(remota, olhos fechados, arrancando do passado)* Você vai gostar, minha filha, só meninas das melhores famílias. O colégio é longe, mas as mães são uns encantos e nas férias você vem, garanto que já vai estar uma mocinha...

RENATA - *(grita)* Mocinha de merda! *(chuta a parede com a perna engessada e dá um uivo de dor, se apoiando na parede do elevador)*

A Mãe dá um pequeno salto de susto na cadeira e deixa escapar um breve riso alto, de surpresa pelo palavrão da filha.

RENATA - *(violenta, sacode a grade)* Não ria de mim! Não ria! você sempre caçoou de mim. Porque ficava desengonçada com as roupas que você escolhia, porque ria alto quando não devia... porque... porque sonhava... *(tempo)* Eu cantava tão bem... queria tanto ser cantora...

MÃE - *(contrastando a doçura do olhar atual com a dureza da palavra do passado)*
Jamais!

RENATA - *(começando a se cansar)* Claro.

MÃE - Artista é gentinha, vulgar, que se apaixona, se mostra em público, palhaços pra nos divertir. A mulher tem de ser uma rainha.

RENATA - *(breve riso fatigado)* A rainha do lar!

MÃE - *(compungida, provocando Renata)* Amor só existe em romance, filha... Homem não ama como a gente. Homem é bruto, não tem sensibilidade, só tem instinto baixo. Feito animais. E esse prazer baixo eles vão buscar mesmo é fora de casa. Mulher é privada de homem.

RENATA - *(muito cansada, se apoiando na parede do elevador)* Que horror!

MÃE - *(atenta a Renata, mais intensa na provocação)* Não pense em amor. Segurança é o que interessa. Veja bem o que o rapaz espera de uma mulher e mostre que você

é exatamente do jeito que ele quer. Homem é muito bobo. Acredita no que a gente quiser. Marido só precisa é de uma mulher decente, respeitável pra mostrar em sociedade. E pra mulher, casamento é um mal necessário.

RENATA - *(deslizando pela parede do elevador, até sentar-se no chão, fatigada, olhos fechados)* Hipocrisia... cinismo... tudo pros outros, pros outros, sem acreditar em nada. Nada. Vazio aqui dentro *(um murro forte no peito)*. Eu nunca fui como você, mamãe! Fria... frívola... dura... Um monstro de egoísmo.

A Mãe se levanta, sorrindo, aliviada, emocionada e alegre.

MÃE - Isso!

RENATA - *(muito fatigada, não registra a reação da Mãe)* Eu era saudável, alegre, forte como um touro, como o meu pai e era feio ser assim. *(tempo, abre os olhos e olha para a Mãe)* Mãe, eu não sou como você.

MÃE - *(ri, emocionada)* Não!

RENATA - E não sou como eu também. *(fecha os olhos, cansadíssima apóia a cabeça na parede)* Tantos anos... Um arremedo de você...

A Mãe se levanta, dedos entrelaçados, excitada em expectativa.

RENATA - Lugares comuns, chavões... você, uma mulher tão intelig... *(tempo)* Não, você não era inteligente, não. Eu é que era dócil, te obedecendo em tudo...

A Mãe faz que não com a cabeça.

RENATA - *(de olhos fechados na mesma posição)* Não, não é verdade, tem razão. Eu tive a minha filha. Quebrei a promessa que você nunca ia ser avó.

A Mãe aperta as mãos, a excitação crescendo.

RENATA - *(olha a Mãe, ri)* Você tinha tanto medo de envelhecer... *(fecha os olhos, repousa a cabeça)* Mas você não podia mais envelhecer quando a Lúcia nasceu, mamãe. Você já estava morta.

MÃE - *(carinhosa)* Eu sei.

RENATA - *(olha a Mãe, começando a entender, recobrando a vitalidade aos poucos)*

A Lúcia me levou numa vidente uma vez... eu não acredito nessas coisas, mas... *(tempo, confusa)* não sei se acredito, não sei mais no que eu acredito... Sei que eu fui e a mulher disse que o papai está sempre do meu lado, me protegendo, mas que você... que você ela não conseguia enxergar porque você não sabia que tinha morrido. *(senta-se, olhando a Mãe, entendendo tudo num soco, vital)*

Fui eu que não te deixei morrer quando você morreu!!

MÃE - Foi.

RENATA - *(levantando penosamente, apoiada às grades)* Queria ser você porque não sei quem sou eu!

MÃE - É.

RENATA - *(iluminada)* Então... você já pode morrer. E se livrar de mim.

A Mãe sorri, sacode a cabeça, muito emocionada.

MÃE - Não, filha. Você é que se livrou de mim. *(e muito digna)* Obrigada.

Com um gesto elegante e doce, atira com a mão um beijo para a filha. A porta do elevador se abre suavemente. As duas se olham um instante. De repente, um curto-circuito provoca uma grande faísca e um tranco no elevador, as luzes todas se apagam, Renata dá um grito de susto, no escuro.

Os cachorros latem alto.

A luz torna a acender.

É noite, a Mãe já não está em cena.

Isolada no cubículo iluminado do pequeno elevador, Renata olha o vazio um momento.

RENATA - *(murmura)* Mãe...

E cai com o corpo mole, desmaiada.

Os cachorros continuam a latir.

Ouve-se o ranger do portão da casa vizinha, se abrindo.

LURDES - (*irritada*) Quietos, seus peste! Fica quieto!

Os cachorros se aquietam.

LURDES - Olha aí, a porcariada que ocês fizeram! Sujaram tudo! Sai, Tição! Não pula! Vai me sujar a roupa. Quietos os dois. Praga! Espera, Bruma. Se não esperar não dou comida. Se eu posso esperar, ocês também pode! Já vai, já vai... Saco!

Ruídos de Lurdes entrando na casa vizinha.

Aproxima-se o som de música sertaneja tocada em rádio de pilha e os pneus da bicicleta rodando no calçamento da rua. Diante da casa, o longo apito que estaca súbito do guarda de rua. Os cachorros latem baixo, familiares. Os pneus e a música se afastam e desaparecem. Ruídos de Lurdes saindo para o quintal, batendo com força no chão as tigelas de comida dos cães.

LURDES - Sossega, Tição! Deixa a Bruma comer! Macho não presta mesmo, até cachorro. O lazarento me deixou plantada lá, esperando mais de duas hora, os bandido tudo passando, dizendo bobagem. Podia até ser assaltada... Sai daí, Tição! Deixa a coitada comer! (*O cachorro rosna e dá um latido ameaçador*) Ah, ocês que se entendam aí, que eu já tô cheia de bicho, de homem, de tudo!...

Ruídos de Lurdes entrando na casa vizinha.

Tempo.

Ouvem-se os primeiros ruídos do amanhecer.

Renata desperta devagar, mas não tem forças para se levantar.

Levanta a cabeça, aperta a testa com a mão, geme. Olha o relógio.

RENATA - Três e vinte...

Olha em torno, a sala escura. Torna a deitar a cabeça.

RENATA - Nem adianta gritar mais. A Lurdes já foi dormir, o guarda já passou...

Suspira e senta-se com esforço.

RENATA - Passou da hora...

Tira do bolso o cigarro e o isqueiro. Acende um. Dá uma tragada funda e uma breve tosse.

RENATA - De tudo. Eu estou sempre deixando passar a hora. Já foi. Já era.

Bastante esgotada, com gestos pesados, pega a fita de vídeo que restou no chão do elevador.

RENATA - E o Vento Levou. *(irônica)* E leva. *(tempo)* A dor. E-le-va-dor.

Ri, chuta a parede do elevador com a perna engessada. Tosse, sem tirar o cigarro da boca. Retira o videocassete da embalagem.

Descobre como se abre a tampinha. Desenrola a fita, como se visse nela as imagens.

RENATA - *(irônica, imita Vivien Leigh)* “Tomorrow is another day. Amanhã eu penso nisso.” Igual a Scarlett O' Hara...

Suavemente, a porta do armário antigo se abre e de dentro dele surge uma jovem em uniforme de colégio.

A Jovem fica no meio da sala, olhando para Renata lá em cima.

Renata continua desenrolando a fita do videocassete, fumando e não se dá conta da presença da Jovem, não registra o que ela diz.

RENATA - Adorava andar a cavalo, dançar nas festas, namorar...

JOVEM - “Oh, Ashley, Ashley, I love you.”

RENATA - Não era linda daquele jeito, mas era corajosa, forte, aquela vontade de viver... aquela malícia. *(tempo, desenrolando a fita)* Madre Helga tem razão, eu era maliciosa mesmo. Dissimulada.

JOVEM - “Tire as suas mãos de cima de mim, Ret Butler e nunca mais me toque outra vez.”

RENATA - Até hoje eu digo que não quero, quando quero. Só que comigo não deu certo. *(desenrola mais fita, que vai caindo para a sala, sempre fumando, lenta e pesada)* Com a Scarlett também não deu.

JOVEM - “Eu nunca mais vou passar fome outra vez!”

RENATA - Resolveu ser realista, casou por interesse, acabou sozinha.

JOVEM - “Oh, Ret, Ret, não me abandone!”

RENATA - Eu fui ser realista e acabei igual a Olivia de Havilland *(vai puxando a fita, distraída, fumando)*: boazinha, sofredora, delicada, sempre doente, sempre cuidando dos outros, cumprindo o dever. Só dever, sem direito. Tudo por obrigação... *(puxa a fita com toda a raiva que lhe permite o estado debilitado)* Eu não sou assim! Droga! Eu não quero mais ser a Olivia de Havilland, quero ser a Scarlett O'Hara outra vez!

Dá mais um puxão raivoso na fita e atira, furiosa, para o centro da sala, quase atingindo a Jovem.

Só então Renata a vê, parada na réstia do sol do amanhecer que entra pela janela.

RENATA - LÚCIA!

A Jovem não reage, Renata tem a sua crise de tosse matinal.

Esmaga o cigarro no chão.

RENATA - Eu não vi você chegar. *(tosse forte)* Está vendo o que deu você me largar sozinha aqui no feriado? *(tosse)* Faz um século que eu estou presa aqui dentro. *(tosse)* Que dia é hoje?

A Jovem não se mexe, Renata olha para ela e vai recobrando forças enquanto fala, febril, num ligeiro delírio.

RENATA - Não fique parada aí! Faça alguma coisa! Pegue esse telefone do chão, chame o eletricitista. *(última tosse)* Dessa vez, foi demais, Lúcia. Se você não chegasse

se agora eu podia morrer aqui dentro. De fome e sede. Já pensou o que é que você ia sentir me encontrando morta, aqui, dentro desta gaiola? Se você tivesse tido um pouquinho de consideração, um pouquinho que fosse, não estou querendo que você seja perfeita, generosa, atenciosa com sua mãe, porque você é igualzinha seu pai, não é?, mas podia ter pensado que uma coisa dessas podia acontecer... *(tempo)* Claro. Eu podia prever também. Sozinha em casa não devia nunca ter subido de elevador. Podia ter trazido o telefone sem fio. Mas não pensei, pronto! O problema não sou eu. É você.

JOVEM - Eu nunca vou ser igual a você, mamãe.

RENATA - Isso eu que dizia quando era menina. Porque eu era mesmo muito diferente da minha mãe. E eu não faço com você o que a mamãe fazia comigo. Quando eu brigo com você, não é pra te botar pra baixo, é pra você crescer, pra você... *(começa a entender, lentamente)* pra você... ficar igual a mim. *(olha a perna engessada, que bate de leve no chão)* Esta pasta toda doente e engessada que eu virei. *(dá uma risada, se exaltando com a compreensão)* E você já é igual a mim! Sempre foi! Aventureira, corajosa, Scarlett O'Hara!... Por que é que eu digo que você é igual ao seu pai? Você é muito mais parecida é comigo! *(olha a Jovem longamente, inundada de imensa ternura)* com o que eu era em menina. Com o que eu sou de verdade. Eu estou fazendo com você a mesma coisa que a mamãe fazia comigo! Não olho pra você! *(tempo de entendimento)* Claro, eu não olho nem pra mim mesma, como é que eu vou ser capaz de olhar pros outros. Que absurdo! Eu não acredito!

Imersa em pensamentos, olha fixamente a Jovem, de repente, se sobressalta.

RENATA - Você não é minha filha!

Tempo.

RENATA - De onde é que você saiu?

JOVEM - *(apontando o móvel)* Dali.

RENATA - Do bufê da fazenda?

A Jovem faz que sim com a cabeça.

RENATA - Eu que me trancava lá dentro quando mamãe ficava zangada comigo. Eu...

Renata emudece e olha a Jovem. Com esforço, vai ficando em pé, apoiada nas paredes.

RENATA - *(entendendo devagar)* Você é... eu??

JOVEM - Trancada no armário desde o baile de debutante.

Renata começa a rir devagar. A Jovem ri junto. Renata ri mais. A Jovem também. As duas têm um ataque de riso, até as lágrimas.

De repente, a Jovem começa a cantar, num "italiano de ouvido", dançando animada. Renata canta junto e, patética na perna engessada, dança twist presa no elevador, animadíssima, se divertindo muito, gastando o restinho de suas forças.

JOVEM - Datemi um martello

RENATA - Que cosa lei vuoi fare?

JUNTAS - Io voglio dar in testa

A qui non è dei nostri

Ê-hei-hei

A tutti gli wmhnterni

Que zwerereretelefono

E ararudarara rara

Rara Ra rarão...

Ufá!

Que rabia mi da!

Ufá!

Que rabia mi da!

Renata fica tonta com o esforço, se desequilibra, cai, rindo.

JOVEM - Com o Beto Biruta.

RENATA - Mamãe ficou uma fera! Por ela, depois da valsa com o papai eu passava o baile inteiro com o Renatinho, filho do prefeito...

JOVEM - Gordinho de óculos e rico!

RENATA - Rita Pavone! Eu não acredito! (*cantarola*) Datemi um martello...

As duas riem.

JOVEM - O Beto andava com camisinha-de-vênus no bolso.

RENATA - (*ri, maliciosa, descontrolada*) Todo mundo dizia...

JOVEM - O negócio dele. Duro!

RENATA - (*ri, escandalizada*) Não, eu não tenho certeza.

JOVEM - Duro, grande, esfregando aqui. (*indica o ventre*)

RENATA - Podia ser uma dobra da anágua. Tinha tanta anágua aquele vestido. Tudo cheio de babado. Duro, cheio de goma.

JOVEM - É. Duro e cheio de goma.

Renata leva um segundo para entender e as duas tornam a cair na risada.

RENATA - E eu ainda cantei no fim do baile. Última vez que eu cantei na vida.

JOVEM - Em público.

RENATA - Subi no palco e cantei.

Cantam juntas. Bem.

JUNTAS - Somewhere
Over the rainbow
Blue birds fly
Birds fly
Over the rainbow
Why, oh, why can't I

A canção ressoa num breve silêncio.

RENATA - Um escândalo!

JOVEM - Mamãe achou um escândalo.

RENATA - Papai gostou.

JOVEM - Todo mundo gostou.

RENATA - O Júlio quase quebrou a cara do Beto Biruta pra dançar comigo depois.

JOVEM - Mamãe que estragou tudo.

RENATA - *(arremeda a Mãe)* “Você vai embora comigo imediatamente, mocinha. Eu estou morrendo de vergonha. Cantar assim, se expor na frente de todo mundo!”

JOVEM - E ela ainda viu quando o Júlio veio se despedir de mim na porta do clube.

RENATA - Primeiro beijo de língua... *(risinho nervoso e excitado)* Resultado?

As duas se olham e dizem juntas, apontando com o dedo.

JUNTAS - Armário!

Riém um pouco. A Jovem avança e começa a trepar pelas grades do elevador.

Não dialogam mais. A Jovem continua se dirigindo a Renata, mas Renata anula a presença da Jovem, como se a assimilasse a si mesma, as falas das duas correndo paralelas: um monólogo a duas vozes.

JOVEM - Igual o quartinho escuro do colégio.

RENATA - Só que não dava medo.

JOVEM - Dava, sim.

RENATA - Não era castigo.

JOVEM - Era, sim.

RENATA - Toda vez que fazia alguma coisa errada... armário! *(olha as grades do elevador)*

A Jovem se senta ao lado dela, as duas balançando as pernas penduradas pra fora.

RENATA - A diferença é que dali dava pra eu sair a hora que quisesse. Agora... não dá mais.

JOVEM - Dá.

RENATA - Não dá...

JOVEM - Dá.

RENATA - Não dá... Tem muita grade em volta de mim. Que eu mesma construí. Vou morrer trancada aqui, não adianta sonhar.

JOVEM - Adianta.

RENATA - Não adianta...

JOVEM - Adianta..

RENATA - ... não.

JOVEM - Quem não sonha, está morto.

RENATA - Com o que é que eu vou sonhar?

JOVEM - *(tapando os olhos com as mãos)* Um copo d'água.

RENATA - *(tempo, depois tapa também os olhos com as mãos)* Um copo de leite.

JOVEM - Gelado.

RENATA - Torrada com manteiga.

JOVEM - Suco de laranja.

RENATA - Pãozinho fresco, uma fatia de presunto.

JOVEM - Duas. Bem fininhas. *(destapa os olhos, observa Renata)*

RENATA - Um pouquinho de mostarda, uma folha de alface.

JOVEM - *(estimulando)* Salada de fruta. Morango com creme.

RENATA - Filé de peixe com batata sauté e vinho branco.

Tempo.

A Jovem olha para Renata que descobre o rosto.

RENATA - Eu não quero morrer! Eu quero sair daqui. Quero a minha filha, o meu marido, a minha casa. Quero sarar desta perna e não ficar doente nunca mais.

JOVEM - Nunca mais!

Renata olha a perna engessada e dá uma forte pancada no chão. O gesso trinca, soltando alguns cacos.

RENATA - Não me trancar no armário nunca mais.

JOVEM - Nunca mais!

Ela dá mais duas ou três pancadas com a perna engessada no chão e, agitada, começa a retirar as placas de gesso, liberando a perna. A Jovem ajuda.

Música: “Over the Rainbow”.

Anoitece suavemente.

Livre do gesso, Renata adormece deitada no colo da Jovem.

De repente, uma grande explosão branca lá fora, seguida de várias outras explosões e zunidos menores, com cintilações coloridas. É uma grande queima de fogos de artifício em alguma rua próxima da casa (e a deixa para a Jovem desaparecer, entre um escuro e outro, sem que o público perceba).

Os cachorros do vizinho latem furiosamente.

Sozinha, Renata desperta e levanta o corpo, quase sem forças. Olha a sala, iluminada pelos sucessivos clarões coloridos.

Quando cessam os ruídos, ouvem-se vozes lá fora, na casa vizinha.

HOMEM - Ô Lurdinha deixa eu entrar...

LURDES - Shh! Quieta, Bruma! Tição! *(os cachorros se calam, ela fala séria)* Chega Zé Luis. Chega. Olha os vizinhos. Pode ter alguém escutando, depois vai contar tudo.

HOMEM - Deixa eu entrar. Antes do guarda da rua passar, vai.

LURDES - De domingo ele não passa. Ainda mais dia de Páscoa.

Renata se sobressalta, senta-se com esforço.

RENATA - *(perplexa)* Domingo?... Quatro dias...

Renata ouve atenta.

HOMEM - Então deixa, deixa...

LURDES - *(num esforço)* Não. Não dá mesmo.

HOMEM - Então vamos pra minha casa.

LURDES - Não. Não posso deixar a casa sozinha.

HOMEM - Tem esses cachorrão...

LURDES - Não. Eu prometi que tomava conta.

HOMEM - (*zangado*) Então eu vou embora.

LURDES - Não. (*tesão, respirações, beijos, os cachorros ganindo baixinho*)

Renata ri, ouvindo o namoro. Tenta se levantar, apoiada à parede.

HOMEM - Deixa eu entrar aí, deixa...

LURDES - Não. Hoje não.

HOMEM - Mas por que? Você não quer?

LURDES - Quero, mas... Não sei. Eu tô meia nervosa hoje.

HOMEM - Eu te acalmo. Olha o meu calmante como é que está. (*risos*)

LURDES - Ai! (*tempo*) Tá bom. Entra. Mas só aqui no jardim, tá?

HOMEM - (*apressado*) Tá. Tá. Mas prende esses bicho.

LURDES - Vem, Tição. Vem, Bruma. Pro quartinho, vamo.

Renata se levanta com grande esforço. Esgotada, respira fundo e grita, quase sem voz.

RENATA - LURDES!

Os cachorros latem furiosamente.

LURDES - Entra aí. Pára com essa barulheira! Droga!

Uma porta se bate com estrondo, abafando o latido dos cães, que continua.

RENATA - Lurdes...

HOMEM - Vem cá, gostosa.

LURDES - Péra aí! Parece que tão me chamano! Você não ouviu, não?

HOMEM - É eu, gostosa.

LURDES - Fica quieto, eu escutei.

Renata toma alento para gritar de novo.

Mas decide não chamar. Escuta.

Lá fora, Lurdes cede afinal.

HOMEM - Tira, tira... Assim.

LURDES - Devagar, nêgo.

Renata sorri, vai deslizando encostada na parede até sentar-se no chão do elevador. Ri mais alto e fica escutando, atenta e interessada. Maquinalmente acende um cigarro que fuma com gosto, ouvindo a trepada gostosa, cheia de gemidos e sussurros no jardim da casa vizinha. Subitamente, Renata dá uma gargalhada.

RENATA - O pirulito do Josias... *(tempo)* Já tinha visto tanto bicho cruzando na fazenda, como é que nunca imaginei que menino também tinha aquilo? Que inveja dele fazer xixi no muro, de pé, tão fácil... Quase quebrei a coluna, empinando a barriga pra frente, mas consegui... não foi tão alto como o dele, mas mijei no muro também. No pé do muro.

Ri, se acomodando no chão do elevador, fumando.

RENATA - Depois, a estátua do Davi do Michelangelo no livro da mamãe. Aquele homem tão grande, tão forte, com piupiu de menino. O Cristo do colégio, por baixo do pano, eu imaginava um pipizinho igual. De criança. *(cantarola)* “O cordão de Jesus rebentou” *(ri)* Pinto foi a Nenzinha que ensinou. No colégio. A Heloísa, carioca, chamava de peru. Pênis foi na aula de ciências do ginásio estadual. Aquela professora “moderna”. Como era mesmo o nome dela? As mães deviam pular esse ponto. Caralho, foi o Beto Biruta.

De debaixo do elevador, surge um homem, silhuetado na luz. Renata não se dá conta da presença dele.

HOMEM - *(adolescente)* Tinha um cara, né?, que queria casar, mas a menina tinha de ser virgem, pura, não saber de nada, nada mesmo. E toda namorada que ele arrumava já sabia de tudo, né. Aí, um dia, ele achou uma que era pura. Aí, ele casou e quando chegou no quarto tirou o negócio pra fora e mostrou pra ela e falou

assim: - Sabe o que que é isto aqui? E ela disse assim: - Ah, isso daí é pipi. E o cara falou pra ela: - Isso daqui é caralho, minha filha. E a menina falou pra ele: - Isso daí é pipi. Caralho é do meu primo Antônio que é deste tamanho.

Renata cai na gargalhada. O Homem fica olhando para ela.

RENATA - Eu não achei a menor graça. Não sabia o que era caralho. *(tempo)* Caralho, pirulito, pipi, piupiu, pinto, peru, piroca. Trolha. Esse eu ouvi outro dia. Que horror! Falo! Falo é bonito. “Mulher falada” deve vir daí. *(tempo, riso, última tragada, apaga o cigarro)* Que bobagem! Tanto nome... prum pedacinho de carne tão frágil. Sexo frágil. O deles. Ainda bem que tive filha mulher. Não ia saber o que fazer com menino. Homem gosta tanto de falo. Muito mais do que mulher. Falólatras. Vivem falando disso, coçando, mexe pra lá, mexe pra cá, comparando tamanho. Eu não sou nenhuma especialista, mas deve ser ruim muito grande. Muito pequeno também.

Tempo. Ela vira o rosto e olha o Homem, sem surpresa.

RENATA - O Júlio era maior que o Ricardo. *(tempo)* Talvez não. Dezesete anos... Primeira vez.

HOMEM - Vou te contar um segredo.

RENATA - O que?

HOMEM - É minha primeira vez também.

RENATA - Mas eu pensei...

HOMEM - Eu nunca fui com puta. Vou na zona, porque todo mundo vai, mas fico só bebendo cerveja com os amigos. A primeira vez eu queria que fosse... com alguém que eu amo.

RENATA - Você está com medo?

HOMEM - Nervoso. Você está?

RENATA - Estou.

HOMEM - Você quer?

RENATA - Quero.

HOMEM - Não vai doer pra você?

RENATA - Só um pouquinho.

HOMEM - Como é que você sabe?

RENATA - Eu li num livro.

Tempo. Os dois se olham. Renata debruçada da beirada do elevador, o Homem de pé no meio da sala. Ela toca o próprio seio, enrolando o corpo.

HOMEM - É gostoso quando eu beijo aqui?

RENATA - É. Posso pegar?

HOMEM - Pega. *(tempo)* Olha como ele cresce na tua mão.

Renata fecha os olhos e se deita de costas no elevador. Abraça o próprio corpo.

RENATA - *(sussurra)* Entra em mim...

Renata geme, da dor da penetração. Ou de prazer. Ou de ambos.

Tempo.

Começa a amanhecer.

O Homem espera.

Renata olha para ele, ajeita a roupa para se cobrir. Senta-se.

RENATA – Pai? Papai? Ah! Fica comigo. Não vá embora. *(olha para o Homem)* Morrer é tão pra sempre, pai. Eu sei que não foi por isso que o senhor morreu.

HOMEM - Não foi, filha.

RENATA - Mas naquela hora... eu chegando da casa do Júlio, sangrando ainda, e você agonizando na cama grande, sangue no peito, no rosto, nas mãos... Por que não te levaram pro hospital depois do acidente?

HOMEM - Eu quis morrer em casa.

RENATA - Brigando com o médico pra não te encostar nem um dedo, mamãe rígida na bérgerre, o olho seco, impassível te olhando. Eu senti medo. Não queria ficar só com ela, como ela, só mulher... Queria homem, pai, meu sexo feito um molde ainda pro membro do Júlio ainda, meu sangue, o teu sangue. *(dá um gemido uterino, rola deitada e de costas junta as mãos com ruído, separa as pernas, reza*

uma grita): Troca, meu Deus, a vida do meu pai pelo meu prazer, eu pago o preço! (*tempo ofegante*) Estou pagando. Ainda. (*deixa cair as mãos*) Eu cedi, pai. Ela tirou o meu Júlio. De fora, de dentro. Proibiu, proibiu, proibiu... Amor físico era mais feio que aborto. O quarto do Júlio mais sórdido que a clínica clandestina. Ela tirou meu eu de mim. Eu cedi sem você, pai, mulher sem homem dentro, nem fora: sem o Júlio, sem filho, sem pai... (*senta-se, num súbito insight*) Por que eu perdoo você e não perdoo ela? Por que eu tenho certeza que você me defendia? Fácil... que fácil... você não estava lá! E eu pagando a tua vida perdida com a minha vida de perdida. Ela que disse: “perdida”. A virgindade única moeda pra comprar felicidade... (*riso de raiva, bate a mão no chão*) Prazer, não. Alegria, não. Carreira, não. Compromisso, responsabilidade, obrigação. E eu pagando. Pagando. Pagando ainda. Ainda.

HOMEM - Por que, filha?

RENATA - Eu prometi.

HOMEM - A quem?

RENATA - Pra ela. Prometi pra ela.

HOMEM - Não.

RENATA – Como não? (*longo tempo*) Pra... Deus??

HOMEM - A Deus.

Renata se senta com esforço, de costas para o Homem.

Tempo.

RENATA - Então... eu acredito? Ainda?...

Com enorme esforço, Renata se levanta, de costas para o Homem.

RENATA - Eu... acredito.

Temerosa, ela volta o rosto devagar, olhando o Homem.

RENATA - Eu acredito. Ainda.

O Homem sorri, estende a mão para Renata.

RENATA – *(tentando reconhecer)* Ricardo?

O elevador começa a descer lentamente. Perplexa, ela se agarra nas paredes.

O Homem avança e espera.

O elevador pára ao rés do chão da sala. Com passo incerto, Renata avança para o Homem. Os dois se olham de perto um tempo, mãos nas mãos.

RENATA - Na certeza e na incerteza, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde te amar, servir e respeitar. *(ri)* Sim, eu disse. *(afasta-se dele)* Ser útil, necessária, indispensável. Se você precisasse de mim, me pedisse... mas você dá, Cardo. *(percorre a sala, tocando os móveis, os objetos)* Você em cada coisa, cada móvel, cada peça, cada átomo, como diz a Lúcia, que me ensina e eu não aprendo. *(ri)* Finjo que não aprendo. Nossa filha, que você me deu também. *(volta para perto dele)* Você me dá e eu não recebo e cobro. *(tapa os lábios dele com os dedos)* Eu sei, eu sei que é por amor, Cardo... *(longo tempo)* eu te amo. *(ri)* Meu coração, que me salva de mim, partida em duas, fingindo uma infelicidade solitária e doente que eu não sinto, olhos fechados pro coração-Cardo, pra Lúcia-luz da minha vida, pontes pro mundo que eu fechei lá fora porque quero. Tem outras vidas pra viver lá fora: ação, conquista, mulheres-homens. Eu não quero não: sou mulher de homem, mãe porque eu quis e quero e basta. Cantora pro meu homem, voz só pra ninar minha filha, pra gemer no teu abraço, coração, rei coração, Ricardo, meu homem *(se aninha no peito do Homem e canta com o fio de voz que lhe resta, dançando suavemente com ele):*

Somewhere
 over the rainbow,
 blue birds fly,
 birds fly
 over the rainbow,
 why, oh, why can't I...

Renata desfalece.

O Homem a carrega nos braços, beija sua boca.

Ela semi-desperta, sorri, passa os braços pelo pescoço dele.

O Homem vai para o elevador e a deposita cuidadosamente no chão.

Afasta-se uns passos, faz um gesto: o elevador começa a subir suavemente e se detém na mesma altura em que estava antes.

HOMEM - *(baixo)* Eu te amo.

Renata levanta a cabeça pesadamente, sorri para ele.

RENATA - Eu acredito.

Pousa a cabeça, fecha os olhos, inteiramente sem forças.

O Homem penetra debaixo do elevador e desaparece.

Tempo.

RENATA - *(cantando num fio de voz)*

Queremos Deus
que é nosso rei,
queremos Deus
que é o nosso... pai..

Ri alto, contente.

A luz começa a baixar muito lentamente.

Ruído de carro que se aproxima e pára diante da casa.

Breve tempo.

Outro carro se aproxima e pára.

Renata levanta penosamente a cabeça para ouvir.

A luz continua baixando lentamente.

LÚCIA - *(muito alegre)* Papai! Você já veio!...

PAI - Estou chegando do aeroporto. Você vai sair?

LÚCIA - Não. Estou chegando também.

PAI - De onde?

LÚCIA - Fui passar os feriados na praia com os meus amigos. Este é o Pedro...

PAI - *(cortando, alarmado)* E sua mãe ficou sozinha?

Renata sorri, pousa a cabeça no chão e se acomoda bem gostoso.

A luz continua baixando.

Ruído de passos apressados se aproximando pelo cascalho do jardim lá fora.

Renata sorri, vai fechando os olhos com suas últimas forças.

A luz vai morrendo.

No escuro total, ouve-se o ruído de chave destrancando a porta de entrada e as vozes quase juntas de Ricardo e Lúcia, chamando:

LÚCIA - Mamãe?

PAI - Renata?

FIM

São Paulo 1990

POSFÁCIO

A idéia de uma peça sobre uma mulher que em situação de confinamento relembresse toda a sua vida já estava em elaboração quando, em julho de 1990, numa conversa casual alguém mencionou um fato ocorrido no Rio de Janeiro na década de 50: numa sexta-feira de Carnaval a faxineira de um grande prédio de escritórios no centro da cidade se atrasou e acabou ficando presa no elevador quando o vigia desligou a chave geral ao sair. Passou lá, trancada, os quatro dias de feriado e foi encontrada morta na quarta-feira de cinzas.

A referência ao Carnaval e a condição social da mulher dessa história não eram o que eu tinha em mente, mas a situação básica era perfeita. E nada original, diga-se de passagem: *Ascensor para o cadafalso*, de Louis Malle, também tem como eixo central um personagem preso num elevador. Quando terminei de escrever, um dos amigos a quem pedi que lesse o texto, lembrou-se de um filme norte-americano da década de 60, com a mesma situação básica.

Na época, ainda não havia o Google e pesquisando descobri que tratava-se de *Lady in a cage* (*A dama enjaulada* no Brasil), de 1964, dirigido por Walter Grauman, com Olivia de Havilland, já bem madura e um jovem James Caan. Procurei nas locadoras, mas o filme não fora lançado em vídeo. Ainda não era a época dos DVDs. Quando descobrir a distribuidora do filme no Brasil e marquei uma projeção em cabine, tive a sorte de o filme ser exibido na televisão, numa daquelas dublagens intragáveis.

A situação básica era, de fato, exatamente a mesma: uma mulher que, num feriado prolongado, fica presa no seu elevador doméstico. A coincidência, porém, terminava aí. O filme envereda por uma linha narrativa de *thriller* atenuado: do elevador ela vê o mendigo do bairro penetrar na sua cozinha em busca de bebida e, logo em seguida, um grupo de jovens “transviados” invade-lhe a casa para roubar e farrear na sua cama. A mulher termina salva pela polícia e o filme só se salva do *happy end* porque ela descobre que o filho único, que no começo da história havia saído para viajar, deixou uma nota de suicídio.

Nunca encenada, mas lida por bastante gente, não faltaram leitores maldosos que insinuaram um plágio. Este esclarecimento visa informar que essa história não é nova, mas apenas uma das muitas possíveis inspiradas nessa situação limite.

José Rubens Siqueira